

Coluna do Castello

A viagem a Paris na versão do governo

O presidente José Sarney está inconformado com o tratamento dado pela imprensa brasileira à sua viagem a Paris, como convidado do governo de Mitterrand, para participar dos festejos do segundo centenário da Revolução Francesa. Preocupados em criticar o presidente, os jornais teriam se fixado em aspectos secundários da viagem, para denunciar mordomias, sem dar o devido destaque à repercussão obtida pela carta de Sarney ao presidente da França, a qual, segundo seus assessores, foi o documento mais discutido durante os festejos de Paris. Segundo Napoleão Sabóia, assessor do Planalto para a imprensa internacional, o ex-ministro Celso Furtado lhe disse que a carta foi importante contribuição para a discussão dos problemas econômicos da América Latina e teria sugerido ao governo que mandasse o ministro da Justiça mostrar pela televisão, exibindo exemplares dos jornais franceses, o que foi a repercussão do documento naquele país.



O porta-voz de Mitterrand, Humbert Vedrini, declarou a Sabóia que a carta foi objeto de discussões nas reuniões de cúpula dos países ricos. O porta-voz acrescentou que a considera um documento "impressionante pela força e pela lucidez dos argumentos". O assessor brasileiro, que fez parte da comitiva, diz que o clima de Paris, com a programação de jantares que discriminavam presidentes de países ricos e pobres e os protestos na praça da Bastilha e na Mutualité contra "o apartheid e as colônias e pela anulação das dívidas do Terceiro Mundo", assegurou ao documento de Sarney maior repercussão do que teria normalmente. *Le Monde* e *Libération*, entre outros jornais, criticaram a discriminação e o *Observer*, de Londres, diz que enquanto os ricos comiam bolo os pobres eram exortados a resolver seus problemas econômicos antes de poder comer o pão.

Um manifesto pelo reexame e anulação da dívida do Terceiro Mundo, subscrito por personalidades como o filósofo Derrida, a escritora Marguerite Duras e o secretário geral do Partido Socialista, Pierre Mauroy, ocupou o espaço publicitário de uma página de *Le Monde*. Os jornais que deram mais destaque à carta de Sarney foram o *Le Quotidien de Paris* e *Le Figaro*, embora houvesse

notas nos demais e até um editorial de *Le Monde* no qual se dizia que "há qualquer das reivindicações cantadas por Renaud (na praça da Bastilha) na interpelação dos países ricos pelo presidente José Sarney". Outro jornal chama o documento de "emocionante e digno". O *mal-estar latino-americano* é o título de matéria na *Vie Internationale* do *Figaro*, citando a carta do presidente brasileiro.

Os recortes me foram trazidos por Napoleão Sabóia, mas foi o presidente, pessoalmente, quem explicou sua ausência no banquete em que foram separados os presidentes dos países pobres dos presidentes dos países ricos que se reuniam num *sommet*. O programa oficial concluiu-se com a presença ao almoço, estando a partir de então liberados os convidados oficiais. Sarney, Salinas, do México, e Perez, da Venezuela, preferiram não ir ao jantar, cada um por motivos pessoais. Sarney lembra ter sido um dos quatro presidentes latino-americanos convidados para os festejos da Revolução e, se não tivesse sido incluído entre os convidados, haveria notícias de quebra do prestígio do país. O programa foi cumprido rigorosamente em tudo quanto devia ser.

Os assessores do presidente, embora infelizes com as notícias, não querem tratar do tema *mordomia*, mas alegam que houve diversos erros no noticiário, como a inclusão, na lista dos passageiros, de pessoas que não estavam nos aviões oficiais, como o consultor Saulo Ramos, o jornalista Luís Guttemberg e o decorador maranhense Iedo. Todos estavam lá por conta própria e em vôos autônomos. Paloma Amado Costa, filha do escritor Jorge Amado, é secretária do presidente, trabalha no Planalto e no Alvorada, e foi nessa condição que viajou a serviço.

Virgílio Costa, assessor presidencial para assuntos culturais, informa que em dois dias em Paris negociou com diretores da Unesco, Federico Mayer e Eduardo Portela, convênio para elaboração e publicação de um guia dos arquivos, museus e bibliotecas brasileiros, a ser feito com a assistência do Arquivo Nacional, do CPDOC (Fundação Getúlio Vargas) e do Pró-Memória. Um adiantamento de 15 mil dólares foi dado pela Unesco para os estudos preliminares. É possível que toda a obra venha a ser financiada por essa instituição. Diz Virgílio que os repórteres brasileiros foram informados do assunto, mas nada saiu nos jornais que, segundo soube (Sabóia também diz o mesmo), só queriam receber matéria que se relacionasse com mordomias.

Como não tem sido dado espaço ao governo para expor sua versão do que se passou em Paris, fica aí registrado o que me foi dito e mostrado. Como se sabe, os jornais, se não deram destaque ao assunto, também não agrediram o presidente pelo envio de carta que parece ter tido real repercussão, a ponto de marcar a presença brasileira nas comemorações do segundo centenário da Revolução Francesa.

Carlos Castello Branco